

**SIGMUND FREUD E NELSON RODRIGUES:
DOIS ANJOS PORNOGRÁFICOS**

Thiago Eugenio Loredo Betta
Ana Lucia Cavani Jorge

RESUMO

Comparam-se Sigmund Freud e Nelson Rodrigues a partir de suas biobibliografias, quanto ao impacto social por eles provocado no público não especialista, em particular a maledicência atribuída tanto à obra quanto a seus autores à época e hoje. A obra do primeiro dá-se em âmbito científico na Europa dentre os séculos XIX e XX, e a do segundo na arte, literatura e teatro, com impacto desde 1943 no Brasil. Enquanto de ambos talento, originalidade e revelações contidas em suas obras mudaram drasticamente a visão do si e da sociedade, a maledicência ainda avulta na tentativa de defesa contra a revolução de pensamento e costumes que - querendo ou não - ocasionaram.

Palavras-chave: talento – difamação - revolução

RESUMEN

Las biobibliografias de Sigmund Freud y Nelson Rodrigues son comparadas quanto al impacto social por ellos provocado en el publico no especialista. Se tiene em mira en especial a la maladicencia atribuyida tanto a sus obras quanto a sus autores al epoca y hoy. La obra del primero se da en ambito cientifico nel Europa dentre los siglos XIX y XX, y la del segundo nel arte, literatura, periodismo y teatro, en Brasil, con impacto desde el 1943. Enquanto de ambos talento, originalidad y revelaciones, por medio de sus obras cambiaran drasticamente la vision del si e de la sociedad, la maladicencia aún avulta con el escopo de difesa contra la revolucion de pensamiento y costumbres que - se quiera o no - ocasionaram.

Neste primeiro esboço procuram-se semelhanças entre Sigmund Freud (1856-1939) e Nelson Rodrigues (1912 – 1980) e tenta-se avaliar o impacto social por eles provocado, para compreender os motivos da maledicência atribuída à época e hoje tanto à obra de ambos, quanto a seus autores.

A obra do primeiro dá-se em âmbito científico na Europa do final do século XIX ao século XX; e a do segundo em arte, literatura, jornalismo e teatro poucos anos depois no Brasil, com impacto desde 1943.

Enquanto de ambos o talento, a originalidade e revelações mudaram drasticamente a visão do si e da sociedade, a maledicência contra ambos ainda avulta, é mesmo emocionada. Indica uma tentativa de *defesa* – e falhada - contra a revolução de pensamento e costumes que, querendo ou não, ocasionaram.

Pretende-se aqui encontrar pistas para tal maledicência: Sigmund Freud e Nelson Rodrigues foram - e ainda são hoje, nos ambientes não controlados pela nova hipocrisia intelectual do *politicamente correto* – taxados (Nelson explicitamente) de *malditos, tarados e reacionários*.

Os dados deste ensaio foram coligidos a partir da documentadíssima biografia de Nelson Rodrigues elaborada por Rui Castro¹ e de seus textos para teatro. Em relação a Sigmund Freud, referem-se a sua extensa bibliografia, à amplitude temática da mesma e ao alcance a outros domínios do saber e da vida social por via de seu método semiótico, a alguma reflexão sobre a teoria freudiana, e a sua biografia por Peter Gay².

O QUE SALTA AO PRIMEIRO OLHAR

- 1) A obra de ambos é copiosa, original e inovadora na época e ainda hoje;
- 2) ambos foram responsáveis por mudanças de paradigmas, Freud na ciência, na cultura e na Filosofia, e Nelson no conteúdo e na forma da dramaturgia brasileira e mesmo de nossa crônica (jornalística);
- 3) com suas obras, tornaram-se figuras notáveis em sua época, o que perdura até hoje;
- 4) suas obras foram recebidas com imediata admiração por especialistas;
- 5) com a popularização - lentamente no caso de Freud e incendiariamente no caso de Nelson- tornaram-se motivo de escândalo;

¹ CASTRO Rui (1992) *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras

² GAY Peter (1989) *Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras

- 6) eram pessoas reservadas, de gostos morigerados, até conservadoras quanto ao modo de se vestir e amizades;
- 7) abstêmios, porém, usuários freqüentíssimos de tabaco;
- 8) ambos produziram copiosamente enquanto lutavam por décadas contra doenças fatais (câncer nos órgãos da fala em Freud por 25 anos, tuberculose em Nelson desde jovem);
- 9) ainda hoje o contato direto com suas obras é pequeno;
- 10) popularmente ainda imputam-se bordões a eles ou a suas obras (“*Freud explica*”, ou “*Mulher gosta é de apanhar*”) de maneira preconceituosa que além de faltar à verdade biográfica, visa a ridicularizá-los e a desautorizar suas obras;
- 11) geralmente o nome de ambos, ainda hoje, é maliciosamente associado.

MALDITOS REVOLUCIONÁRIOS *TARADOS*

Sendo revolucionário e talentoso, mudando para sempre a visão de si do sujeito, criando a *terceira ferida narcísica da humanidade*, Freud é popularmente rotulado como *tarado* ainda hoje.

O talento desmistificador de Nelson trouxe a tona, em suas peças e outros trabalhos literários e jornalísticos, as fantasias eróticas da classe média brasileira: veio a ser também considerado *tarado e reacionário*.

Inquietos com o seu tempo, Freud, um intelectual, produziu ciência, e Nelson Rodrigues, um poeta e cronista, fez-se o primeiro dramaturgo brasileiro e criou um teatro ultra-realista. Ambos de vanguarda, ainda contemporâneos no mundo pós-moderno, na alvorada do século XXI.

O talento dos gênios em questão foi responsável por mudanças de paradigmas científicos e culturais, Freud num contexto universal e Nelson na cultura brasileira, particularmente na maneira de se fazer teatro no Brasil – os diversos planos simultâneos temporais e psicológicos (presente, passado, imaginário) de *Vestido de noiva* são uma revolução na dramaturgia mundial.

O primeiro descobriu não só que o homem não é total conhecedor de suas ações, sendo o Inconsciente responsável pela maior parte delas, como também desenvolveu a partir do modelo onírico uma ferramenta capaz de decodificar o processo pelo qual o Inconsciente realiza tal atividade - a Psicanálise.

Nelson, por sua vez, revolucionou o teatro brasileiro, colocando no palco os personagens da realidade que o cercava; até então o que se via eram representações parnasianas, baseadas no teatro europeu - quase sempre francês. Até o sotaque obrigatório nos palcos era europeu, arremedando a língua de Portugal.

Em crítica feroz de 1936 a uma ópera estreante deste tipo – *Esmeralda* -, Nelson

chama Mesquita [autor da ópera] de ‘romântico retardado’ [...] recriminava-o por ter ido buscar inspiração na velha ‘Notre-Dame de Paris’, de Victor Hugo, quando poderia ter incorporado à sua ópera ‘a impaciência nevrótica dos barulhos que nos cercam: o estardalhaço dos bondes, das carroças, dos vagões, a sirene das fábricas, a velocidade das rotativas, os pregões, as campainhas, as brocas de asfalto, o uivo nostálgico das locomotivas, o apito do vapor (...) Se o maestro se dispusesse a investigar bem, concluiria surpreso que, na sua própria rua, existem personagens à altura de uma ópera, e personagens já urbanizados, humanizados, dramatizados pela vida mesmo.” (Castro: 140-141, grifo nosso)

Em tais observações o autor revela seu faro aguçado à realidade cotidiana genuinamente brasileira e a emergência em representá-la na arte, no teatro. Sua crítica já ecoa um modernismo ainda hoje de vanguarda, pelo qual a musicalidade é recriada a partir dos ruídos urbano-industriais desorganizadores da subjetividade³.

Com tanto talento portaram ambos revelações, tão profundamente estas mexeriam com a visão de si e do mundo de seus pares, que de descobridores da miserável e contraditória condição humana foram confundidos com os criadores da mesma. Tocaram no que até então vinha mantido velado/oculto, e deste desvelamento foram culpabilizados. E se o que denunciavam causou horror, este foi imeditamente projetado sobre eles próprios, seus

³ WISNIK José Miguel (1989) *O som e o sentido*. São Paulo: Companhia das Letras
Cf tb a pesquisa *Pele Musicada: o eu corporal pela linguagem, maternagem e cultura*: www.cnpq/lattes

descobridores. A fama de *tarados* é tão mais atribuída quando maior a repressão sexual e a violência culpáveis de seus caluniadores.

É de se notar porém que nenhum dos dois pretendia-se como original ou moderno, suas invenções deram-se pela ética de seguir uma linha sem trilhas - e como todo gênio, não sucumbir às pressões da *opinião* de sua época..

Ao contrário, o trajeto de ambos foi marcado pela necessidade – clínica em Freud, com a medicina ainda tão ignorante que por exemplo atribuía a loucura à *insania masturbatoria*; e de uma biografia que fará de Nelson um indignado, e súbita e precocemente necessitado de sobreviver. Como a família de Freud, a de Nelson mudou-se muito, mas no caso deste houve mais que preconceito antisemita: perseguições políticas e de diferença de opinião que fizeram de sua família mais de uma vez objeto de assassinato. Detonada a genialidade pela necessidade, porém, daí em diante podem sim ser acusados - mas de fidelidade às descobertas que iam fazendo. E de pertinácia e coragem, que disso ambos precisaram.

Dizer que Nelson Rodrigues foi um *tarado* é assim lugar comum mas grande equivoco. Na verdade achava-se mais um *romântico passadista*:

Acredito que a maior tragédia do homem ocorreu quando ele separou o amor do sexo. A partir de então, o ser humano passou a fazer muito sexo e nenhum amor. Não passamos do desejo, eis a verdade. Todo o desejo, como tal, se frustra com a posse. A única coisa que dura para além da vida e da morte é o amor.” (NR apud Castro: 413)

O que se vê na obra de Nelson, paradoxal a esta sua reflexão onde como se verá ecoam descobertas de Freud (que aliás Nelson não leu, segundo seu biógrafo) - é a inquietação diante da maneira pela qual o comportamento amoroso era moralizado até a desumanização na sociedade brasileira, velado pela hipocrisia de um falso moralismo dito “cristão” e “de família”. Nelson vê a hipocrisia vigente e a questiona, trazendo à tona os recalques coletivos. Sua lealdade aos princípios éticos o torna incapaz de compartilhar a vida de aparências: o homem católico “para Inglês ver” que trai a mulher sábado à noite e vai à missa com a família aos domingos pela manhã. Nelson era um anticonformista indignado – o que explica a formação de Nelsinho, e a relação entre ambos, apesar das opiniões políticas conservadoras que Nelson tantas vezes – até ingenuamente – justificou.

Quanto a nosso outro *tarado* do século XX – Freud - também foi de certo modo um romântico. O texto sobre a depreciação do objeto amoroso⁴ é referência ao mesmo descontentamento com a desvinculação entre sexo e amor (que lá Freud trata como ternura) existente em Nelson. Se bem que em Freud, seja mais que descontentamento: é conclusão teórico-clínica sobre o sofrimento neurótico dada tal cisão, tão útil para manter o sujeito alienado, fragmentado, conformado como é desejável - e necessário – às condições da produção capitalista.

MOLEQUES BRINCAM SERIAMENTE

Entendemos a criação artística como uma modalidade de atividade lúdica, no sentido que lhe dá Winnicott⁵. E assim como na atividade lúdica brinca-se para elaborar alguma dificuldade emocional como mostrou Freud⁶, também a criação poética/ artística nasce da inquietação diante da realidade que

apõe (...) muitas frustrações e o lúdico (...) permite elaborar soluções de compromisso que possam acomodar as exigências da realidade às do desejo (que para a Psicanálise é sempre inconsciente). De tal modo supera-se os ditames limitadores da realidade com a incursão de soluções dadas pelo lúdico em si, enquanto elaboração simbólica por meio da(s) representação(s)”. (Jorge & Betta, 2003/2004)⁷

Como uma criança que brinca para dominar as dificuldades apostas pela realidade, Nelson diz de si:

Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico.” (Castro: epígrafe)

⁴ FREUD Sigmund (1912) Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor, in *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago 1996

⁵ WINNICOTT Donald Wood (1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago

⁶ FREUD Sigmund (1920) Mais além do princípio do prazer, *op cit.*

⁷ JORGE Ana Lucia Cavani & BETTA, Thiago Eugenio Loredo (2003/2004) Alfabetização, um caso particular da operação lúdica?Elaboração psíquica e assimilação de regras, in *III Semana de Ciências Humanas /UENF 2003* (comunicação; inclui vídeo); modificado para: *Forum Mundial de Educação de São Paulo 2004*, painel.

Aqui Nelson explicita com clareza provocadora, *moleca*, como o lúdico elabora a pulsão epistemofílica - de dominar e controlar pelo conhecimento a dúvida que se instalou – com a entrada do terceiro no cenário *dual* - sobre possíveis diferenças sexuais e do encontro entre os sexos⁸. E revela mais ainda:

Nós, os velhos, precisamos de um mínimo de puerilidade encantada, sem a qual seríamos múmias inteiramente gagás” (op cit : 418)

MAIS ALÉM DA CURIOSIDADE INFANTIL

As opiniões sobre nossos *Anjos Pornográficos* são contraditórias, assim como são as críticas sobre suas obras. Para ambos, havia e há pressa em julgar- em Freud, sua obra; em Nelson, seu caráter a partir da obra.

Como gênio que pesa para além de seu tempo, havia aqueles que amavam Nelson, muito poucos – como Arnaldo Jabor, que apoiou a montagem de alguns filmes do autor- e os que o odiavam; a maioria, talvez por não compreendê-lo.

Manoel Bandeira elogia rasgadamente Nelson: “*NR é poeta. Talvez não faça nem possa fazer versos. Eu sei fazê-los. O que me dana é não ter como ele esse dom divino de dar vida às criaturas da minha imaginação.*” (op cit: 160).

Mas em outro momento, também Bandeira já tomado de inquietação, chega a escrever-lhe “[...mas] porque você não escreve sobre pessoas normais?” (op cit: 213)

Rui Castro apresenta-o porém com a compreensão de admirador grato, de cúmplice solidário em identificação:

Durante muitos anos, Nelson Rodrigues carregou a fama de tarado. Em seus anos finais, a de reacionário. Ninguém foi mais perseguido: a direita, a esquerda, a censura, os críticos, os católicos (de todas as tinturas) e, muitas vezes, as platéias – todos em alguma época, viram nele o anjo mal, um câncer a ser extirpado da sociedade brasileira. E, olhe, quase conseguiram. (op cit: 8, grifo nosso)

⁸ FREUD Sigmund (1908) As teorias sexuais das crianças, in *op cit*

Nelson Rodrigues foi geralmente, no seu tempo, um gênio incompreendido. Um homem não merecedor do juízo de valor proclamado sobre si pela sociedade brasileira do início do século XX, que chocada com o seu talento atribuiu-lhe não só o rótulo de *tarado* como o de *reacionário* - aquele que não quer as mudanças sociais e políticas.

Com Freud o caminho tem sido outro. Os detratores da Psicanálise não desapareceram, mudaram o foco (*não cura; ou: tratamento longo demais, caro demais; não é comprovável pelo critério das Hard Sciences* – como se isto importasse). Ou não: é mais confortável fazer da Psicanálise o objeto de curiosidade morbidamente maliciosa, como *pecaminosa*.

Bem menos confortável, absolutamente insuportável, é ver nela o que é: um rigoroso método de investigação (clínico⁹ e então teórico) e corpo conceitual que desnuda não sermos autores de nós mesmos, não sermos *cogito*, nem poderemos aspirar a ter um centro - a famosa identidade - ficção que a Psicanálise derrubou por terra. Caiu junto toda a psicologia das *faculdades cerebrais*, parte da filosofia, muito das ciências humanas, toda a positividade¹⁰, e muita arrogância. Por isto Freud enunciou tal conhecimento como *a terceira humilhação humana*¹¹: nem umbigo planetário, nem da criação – e agora *nem senhor de si mesmo*.

Depois disto, alguém ainda se espanta de preferirem a Psicanálise *mal vista* só como um sexismo, assunto de *tarados*? Melhor assim: não derruba deuses, nem potentados, nem arrogâncias, nem onipotências.

O novo é mal digerido e os *moralistas de plantão* culpam a novidade pela azia que lhes provoca. Diagnóstico errado, provam Freud e Nelson, genialidades mal degustadas. Mas não se sente o sabor com uma pequena amostra. Na ânsia de saber se é “bom ou mau”, “sagrado ou profano”, satisfazer-se com pequenas impressões superficiais leva a reproduzir idéias pouco elucidativas, a repetir preconceitos, a andar sem sair do lugar.

Freud e Nelson foram malditos. E mais que malditos – desgraçados - somos nós se ainda hoje, mais ou menos explicitamente, seus nomes nos evocam (na sociedade conservadora

⁹ um resumo do método vê-se em FREUD Sigmund (1916) Lições Introdutórias à de Psicanálise, XI, in *op cit* Sb *clínica extensa*, v. a abertura ao evento IPA 2003 Por Herrmann, publicada como Cap 3 in HERRMANN Fabio et alii (2004) *Pesquisando com o método psicanalítico* São Paulo: Casa do Psicólogo

¹⁰ FOUCAULT Michel (1997) *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes

¹¹ FREUD Sigmund (1910) Cinco lições de Psicanálise, in *op cit*

como na acadêmica) algo de levemente pornográfico. Defesa nossa contra a (sadia) peste que ainda portam.

Dos autores:

THIAGO EUGENIO LOREDO BETTA é Graduando em Ciência da Educação / UENF, membro do Grupo de Pesquisa CNPq/Lattes (2004-5) *Pele Musicada: o eu corporal pela linguagem, maternagem e cultura*, e participa de grupos amadores de teatro.
thiago.eugenio@gmail.com

ANA LUCIA CAVANI JORGE, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro UENF /Programa de Mestrado em Cognição e Linguagem, líder do Grupo de Pesquisa CNPq/Lattes (2004-5) *Pele Musicada: o eu corporal pela linguagem, maternagem e cultura*, é Pós-doc em Psicologia Dinâmica (U.Bologna), Dr em Psicologia Clínica (USP), especialista em Psicanálise (Sedes Sapientiae), colaboradora da IPA Bologna e da *Freie Universität Berlin*.
ancavani@uenf.br e anacavani@yahoo.com.br